

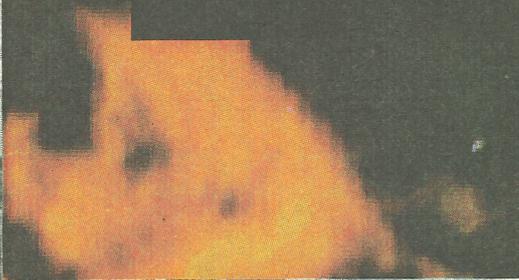
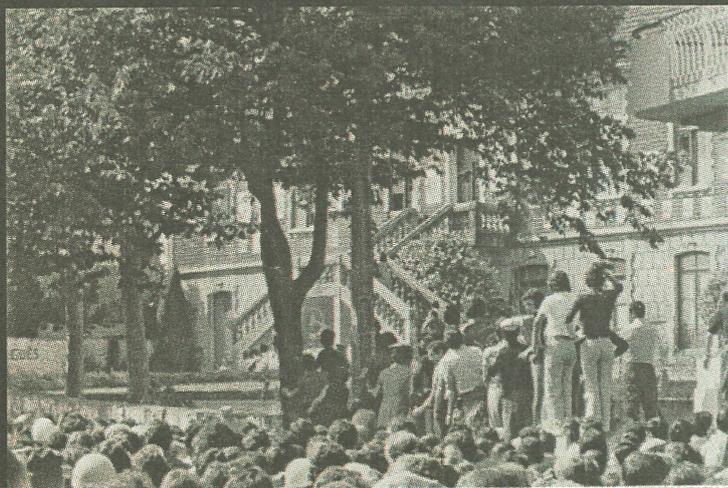
OPINIÃO PÚBLICA

MEMÓRIAS QUENTES

Relatos inéditos
do "Verão Quente"
em Famalicão

VERÃO QUENTE

1975



Há 21 anos atrás, o “Verão Quente” transformou a vila de Famalicão num palco de chamas e sangue. “Caiu porrada de criar bicho”, lembra agora uma famalicense que na altura pouco mais tinha que 13 anos de idade. Mas há muitas memórias por contar sobre um assunto que ainda lateja no historial de muitos famalicenses, alguns ainda hoje “catalogados” pelas duas barricadas de então como “comunistas” ou “reaccionários”. Neste “flashback”, a OPINIÃO PÚBLICA revela registos inéditos.

LUÍSA MONTEIRO *(texto)*

Cinzas de um Agosto sangrento



Até ao 25 de Abril de 1974, o industrial têxtil Manuel Gonçalves tinha uma posição política muito idêntica à de Salazar ou à de Caetano. Era um homem empreendedor que dava trabalho a 3.500 operários e que exercia também a sua influência na administração local e até na polícia. Já naquela altura detinha, na fronteira com Espanha, uma quinta com aeródromo próprio e a sua dívida de 1.200 contos aos bancos pouca importância representava, uma vez que as exportações das mercadorias da TMG proporcionavam ao tesouro do Estado uma sólida divisa para o país.

Aquele empresário, de início, não tomou muito a sério a revolução de Abril e até há quem o visse de cravo vermelho à lapela. Mas pouco a pouco foi tomando posição activa contra os ideais de Abril, constando já o seu nome nas reuniões de "complot" contra-revolucionário de 28 Setembro de 1974. Os capitães das Forças Armadas

detiveram-no durante 17 dias na prisão de Caxias, fugindo depois para Espanha. O genro, Luís Folhadela, fez o mesmo, mas para o Canadá.

Em Julho de 1975, o Estado intervém na TMG, como resultado de uma sindicância que fora ordenada pelo Ministério do Trabalho e que "revelou várias anomalias de que se destacam a aplicação de cerca de 200 mil contos em benefício dos administradores ou em fins que nada têm a ver com a actividade da Empresa", lê-se no livro "O Caso dos 17 da Têxtil Manuel Gonçalves". Então, pela primeira

Os capitães das Forças Armadas detiveram Manuel Gonçalves durante 17 dias na prisão de Caxias, fugindo depois para Espanha. O genro, Luís Folhadela, fez o mesmo, mas para o Canadá.

vez na história da indústria têxtil de Portugal, elege-se um conselho administrativo e uma comissão de trabalhadores. Mas nem todos os trabalhadores daquela têxtil concordavam com a medida do Estado, liderado por Vasco Gonçalves. Teriam então lançado o boato de que só existia matéria-prima para 15 dias e que não haveria novos fornecimentos, porque os fornecedores estrangeiros que abasteciam a fábrica de algodão, exigiam a assinatura de Manuel

Gonçalves. Instalava-se o pânico de perder o emprego. Numa noite, circularam uns volantes onde se fazia apelo à participação numa manifestação "Pelo Regresso do Patrão", ameaçando que "a quem não vier, Manuel Gonçalves fará com que apodreça vivo". Esses volantes foram impressos na tipografia do Jornal "Estrela da Manhã", então editado por Casimiro da Silva, destacado jornalista do partido Centro Democrático Social. Quem os distribuiu foi um indivíduo conhecido por "Zé Miúdo", que era, desde 1967, informador da PIDE e que encabeçava um destacamento repressivo de homens da confiança de Manuel Gonçalves. Ao que tudo indica, teria sido "Zé Miúdo" quem organizou a manifestação de 1 de Agosto de 1975, de que resultou o assalto à sede do Movimento Democrático Português, cujo representante, Pinheiro Braga, estava também à frente da Comissão Administrativa que liderava o município. De resto, este movimento de direita já se tinha iniciado um pouco por todo o país, desde o dia 26 de Maio, com o assalto à sede do MDP/CDE de Bragança pelo ELP.

Da TMG para o "saque" Eram cerca de 300 pessoas, sendo delas quase uma centena da TMG. As outras, segundo testemunhas oculares, nunca tinham

• • •
sido vistas neste concelho. Assim, deu-se o início do maior cerco feito em Vila Nova de Famalicão.

Nessa tarde de sexta-feira, 1 de Agosto de 1975, aquelas cerca de 300 pessoas manifestaram-se publicamente contra a ocupação da TMG por determinação do MFA. Rebelo Mesquita, noticiou da seguinte forma (muito parcial, afecto que era ao CDS), no "Jornal de Famalicão", o início deste movimento reaccionário: "Os operários, em número de alguns milhares, e aos quais, muito simpaticamente, se juntaram outros e bastante povo, reuniram-se na Praça Álvaro Marques em frente aos Paços do Concelho, de onde se dirigiram aos escritórios da empresa, na rua Adriano Pinto Basto em frente ao quartel dos Voluntários Famalicenses, onde ruidosamente se manifestaram contra a Comissão Administrativa recentemente nomeada pelas F. Armadas para dirigir e administrar aquele importante empório industrial famalicense, como também exigindo a presença do fundador da empresa sr. Manuel Gonçalves, no qual mantém plena confiança, como o saneamento imediato de certos elementos não gratos à classe trabalhadora".

Alguns representantes desse grupo foram reivindicar junto do COPCON - movimento militar de ordem, liderado então, a nível nacional, por Otelo Saraiva de Carvalho - o regresso do "Patrão" após as férias. Segundo aquele jornalista, os elementos do COPCON ter-lhes-iam dado a garantia do regresso de Manuel Gonçalves.

O grupo ficou confiante e começou a debandar "porrada de criar bicho" - conta agora uma mulher que na altura, ainda adolescente, foi apanhada na confusão - em todos que estivessem conotados com as forças de esquerda. O primeiro alvo foi a sede do MDP/CDE: partiram vidros e destruíram o pouco mobiliário existente,



porque antes, grande parte do espólio tinha sido retirado pelos militantes, para outro prédio. Pelas janelas foi lançado todo o material existente no interior da sede e queimado no meio da via pública.

Depois, por volta das 20 horas, encaminharam-se para a sede do PCP, a qual estava já cercada - para protecção - por forças do COPCON, assim como soldados do Regimento de Infantaria Nº8 de Braga, munidos de "G3".

No interior da sede estavam cerca de "200 camaradas sob a liderança do principal militante do PCP na vila, o advogado Lino Lima", recorda agora o líder da concelhia do PCP, Barbosa da Silva, então um jovem empregado de escritório de 31 anos, também na altura no interior da sede.

Passada uma hora, eram centenas de anticomunistas que bradavam insultos e apedrejavam a sede. "A concentração fascista ganhava força pela presença dos curiosos, que davam ânimo só com a presença, porque engrossavam o aglomerado. Aproveitavam o apoio para

espancar homens e mulheres. O Feiteira foi espancado a capacete, tendo de ir para o Hospital em muito mau estado", recorda Barbosa da Silva.

Os primeiros feridos: Heitor e Arlindo

As operações anticomunistas foram então lideradas por Manuel Charter, destacando-se ainda José Augusto (o "Folhetas"), Veloso e Moraes (trabalhadores da TMG), Plácido, Edgar, Dr. Dulcínio Rebelo e Manuel Azevedo (do CDS) e Joaquim Ribeiro, Eng. Francisco Bernardo, Jorge Folhadela Matos Cardoso, Manuel Sequeira e Ernesto Gonçalves Cardoso (do PPD). Entre estes, encontrava-se ainda Francisco Oliveira Peres, igualmente reconhecido no assalto ao jornal "República", do Porto.

Por volta da meia-noite, surge a primeira tentativa de assalto à sede, ao qual os comunistas reagem, disparando tiros de caçadeira. E surgem os primeiros feridos: Arlindo Augusto, de 18 anos, solteiro, feirante, morador no lugar da



CENTRO DE INGLÊS DE FAMILICÃO

- * Cursos de Inglês para todos os níveis
- * Professores ingleses e qualificados
- * Centro de Exames (FCE e Proficiency) da Universidade de Cambridge
- * Sala informatizada multimédia CD-ROM

INSCRIÇÕES ABERTAS - das 14h as 21h

Edifício dos Correios, 4º Andar - Telefone: 74 233

Castela (Calendário) e Heitor Augusto Peixoto, casado, engraxador e residente na rua de Santo António (Famalicão). O primeiro ficou cego e o segundo, ainda hoje exibe o tórax cheio de cicatrizes pelas balas disparadas. Rebelo Mesquita relata então no seu jornal que o povo estava "emocionado, apregoando pela vila a morte do infeliz Heitor".

O aglomerado não arredava pé do exterior da sede do PCP e os insultos subiam de tom. Dentro da sede, recorda Barbosa, "continuavam a bombardear-nos de telefonemas de provocação e insulto. Independentemente do clima de nervosismo que os telefonemas provocavam, assistia-se paralelamente a momentos de grande hilaridade, face às respostas de Lino Lima

aos fascistas, do género, ó grandessíssimo corno, a tua mulher está nesta cama com outro!"

Por volta das 04 horas a turba dos reaccionários começou a diminuir, altura aproveitada por alguns comunistas para sair da sede. Ficaram cerca de meia centena, "com medo, fome, mas com a convicção de que defenderíamos o nosso centro até o último homem", diz, orgulhoso, Barbosa da Silva.

Na manhã de sábado, circulavam

rumores de que os militares teriam dito aos comunistas para saírem da sede, mas estes permaneceram no seu interior, até que por volta das 16 horas, Lino Lima recebe um telefonema do Comité do Partido Comunista Português, que ordenou a saída do Centro, até porque seriam escoltados pelos militares. Passada apenas uma hora, as Forças Armadas entregaram aos comunistas um documento onde se

lia o seguinte: "Considerando que se impõe prioritariamente a salvaguarda de vidas humanas, e face à ordem telefónica recebida do quartel General da Região Militar do Norte, ordena-se em nome do mesmo, que os militantes do PCP retidos por uma manifestação dentro da sua sede em Vila Nova de Famalicão, a abandonem".

No interior da sede, Lino Lima passa a ditar um comunicado que Barbosa da Silva escreve à máquina: "Em nome do partido Comunista Português protestamos energeticamente contra a ordem de evacuação do nosso Centro de Trabalho em Vila Nova de Famalicão, ordem que somente aceitamos para não entrarmos em confronto com as Forças Armadas". Cerca das 18 horas, e após 22 horas seguidas de apupos, pedradas e tiroteios, os 46 militantes comunistas saíram em



HEITOR PEIXOTO E ARLINDO AUGUSTO

fila da sede, escoltados pelas F.A. Meteram-se em duas carrinhas "Berliets" e foram transportados até ao Quartel General do Porto. Recebidos por Ângelo Veloso e José Carlos Almeida, recuperaram forças com umas sandes e fizeram o relato do ocorrido. Por volta das 22 horas regressaram, em carros de amigos, a Famalicão, para dormir. Mas o medo era grande, porque os ânimos continuavam acesos.

Barbosa, face às ameaças constantes que lhe faziam à casa, em Castela, Calendário, vê-se obrigado a fugir para Vila Praia de Âncora, onde se hospedou durante uma semana. A mulher e o filho, ainda de colo, encontraram protecção nos familiares, os quais trataram também de retirar da casa do jovem casal, todo o seu recheio. Um pouco mais acima, na Estação da CP, vivia Rui Santos, chefe da Estação, publicamente comunista e sindicalista. A ele, puseram-lhe parte da mobília na rua, mas não chegaram a queimar. Rui encontrava-se no interior da sede do PCP em Famalicão e a mulher, só e em pânico, fugiu para Aveiro num combóio, juntamente com os filhos.

O "Jornal de Famalicão" de 9 de Agosto de 1975, relata assim o ambiente após a saída dos comunistas: "Na frontaria do edifício, encontravam-se os Berliets e Chaimits do exército, armados de G3, o que dava à situação um aspecto bélico. A população continuava aglomerada nas artérias que dão acesso ao referido Centro de Trabalho. É de salientar que depois de ocupado pelas Forças Armadas se procedeu a aturadas buscas no interior da sede, tendo sido encontrado armamento que, segundo consta, era composto de armas, caçadeiras, granadas, molotovs, bombas e milhares de munições. O exército apreendeu o armamento e ocupou as instalações". Barbosa rebate este relato, dizendo que apenas possuíam caçadeiras.

"Fascistas" embebedam militares A adivinhar por um comunicado que a DORN (Direcção da Organização da Região Norte) do PCP divulgou na altura, o ambiente que se vivia paralelamente, não era nada calmo. Diz assim



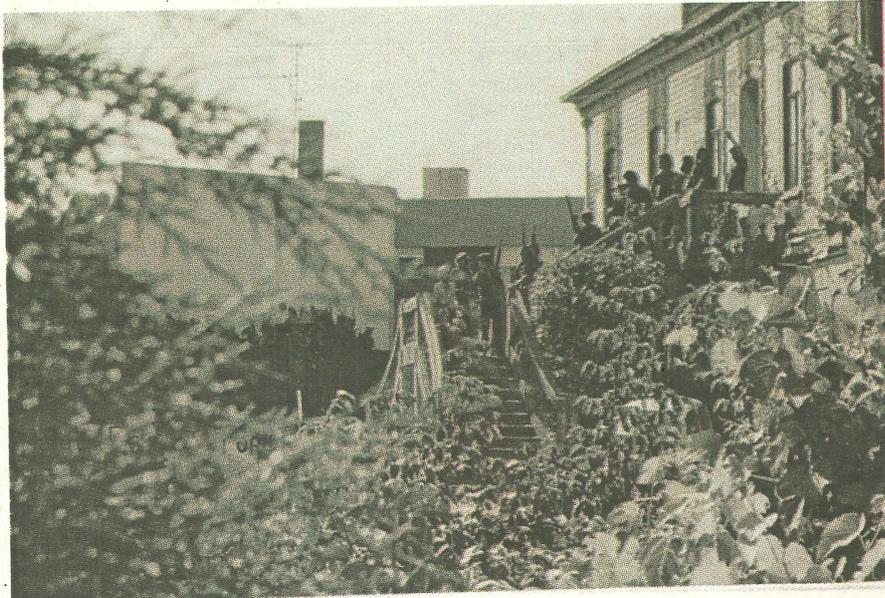
aquele comunicado: "Após a saída dos militantes comunistas e ocupação do Centro de Trabalho pelas Forças Armadas passaram-se acontecimentos de extrema gravidade. Soldados embriagados por fascistas começaram a retirar do Centro de Trabalho e a distribuir pelos presentes diverso material: livros, jornais, cadernos de apontamentos, material diverso para recolha de fundos, etc. Alguns guardaram estes objectos como troféus. A maior parte foi queimada na rua, em verdadeiros autos de fé, sob o olhar distraído dos oficiais. À noite verifica-se uma autêntica caça aos comunistas e democratas. À meia-noite havia já numerosos feridos. À hora em que este comunicado é redigido não sabemos ainda do destino que os militares presentes decidiram dar ao edifício. Mas tínhamos razões para crer que acabaria por ser entregue à sanha violenta dos fascistas".

No Domingo, já ao final da tarde, por volta das 19h30 os reaccionários encontravam-se mesmo descontrolados e destroem uma placa de cimento colocada no muro da sede e tentam arrancar as letras do portão, onde se lia "PCP". O exército, ao aperceber-se das intenções da multidão, desata a disparar rajadas que intimidou um pouco os presentes, mas o barulho atraíu ainda mais pessoas. Falta-ram cerca de 15 minutos para a meia-noite, quando um grupo de reaccionários fora pedir ao capitão Ferreira - que liderava as F.A. presentes - para lhes facilitar a entrada, porque queriam apenas destruir o reclame luminoso que se encontrava no frontispício da sede, com a bandeira do PCP. Simultaneamente, um popular abrigado pela massa humana, resolve lançar um punhado de areia à cara do capitão Ferreira. Os militares não esperaram mais e desataram a disparar de metralhadora para o ar. Os reaccionários também responderam com armas de fogo e outros materiais perigosos.

O adeus de Luís Barroso e Laurentino Carvalho Foi muita a confusão que se gerou: disparos entrecruzados, gritos, empurrões, fugas, até



LAURENTINO CARVALHO E LUIS BARROSO



que um corpo cai inerte, atingido por uma bala na cabeça. Um jovem vai em seu auxílio e é também baleado no braço por um projectil que se instala no tórax. No final do tiroteio, as vítimas foram socorridas. A primeira, Laurentino Leitão de Carvalho, 34 anos, casado, tractorista de profissão e residente em Gondifelos morreu instantaneamente. A outra, Luís Barroso, foi enviada para o Hospital Escolar de S. João do Porto, onde viria a falecer cerca das 2h30. O Hospital de Famalicão ficou, de resto, superlotado com dezenas de pessoas com traumatismos e ferimentos de vária ordem.

Luís Carneiro Barroso, um jovem de 19 anos, enfermeiro, militante da JSD, morador no Campo Mouzinho de Albuquerque - na rua que tinha o seu nome e que agora é Praça D. Maria II -, era de resto um jovem conhecido por muitas pessoas, dado ser jogador do Futebol Clube de Famalicão. Revoltadas, as pessoas entoavam palavras de ordem que passavam por "Morte aos comunistas".

Houve reforços militares, que de nada valeram à sede de vingança dos reaccionários. Eram duas da manhã e dirigiram-se para os escritórios dos causídicos Lino Lima (onde é agora a Caixa de Crédito Agrícola) e Salvador Coutinho (por cima de onde funciona actualmente a agência seguradora Império), que destruíram e queimaram parcialmente. O consultório do dentista Miguel Cruz - também não foi esquecido: totalmente destruído e o recheio queimado na praça pública. Ao lado do seu consultório, na actual rua Adriano Pinto Basto, ficava o escritório do causídico Durval Ferreira que, curiosamente - dado que nunca foi militante de qualquer partido de esquerda, mas sim do CDS - também foi destruído.

Salvador Coutinho era então candida-

to a deputado pelo MDP/CDE de Braga e tinha liderado vários movimentos de trabalhadores nas empresas Mabor, Roederstein e Maconde. Aquele causídico recorda, emocionado, os acontecimentos vividos: "No Sábado, ouvi o barulho das metralhadoras e logo a seguir o Carlos bate-me à porta a dizer-me para tirar o meu carro da rua, porque pensavam que eu estaria no interior da sede. Não liguei e nessa tarde fui ao cinema, ao Porto. Regressei por volta das 22 horas e fui para a rua da Bandeirinha. Não me esquecerei: andava eu de fato creme, para, ao longe, me aperceber da situação. Até que me aparece o Barbosa da Romalo, de olhos arregalados e diz que já havia dois mortos. Ao mesmo tempo, passa por mim um trabalhador da Riopole e, reconhecendo-me, dá-me um valente encontrão. Na confusão dos reaccionários, Luís Gonçalves olha-me e começa a gritar comunista!, comunista! e a apontar para mim. O Barbosa foi-se embora. Mas eu quis que vissem que eu não estava na sede. No dia seguinte à noite, apareceram-me em casa o Sá da Costa e a Manuela Granja, porque estavam preocupados com a situação. Passando algum tempo, uma telefonista amiga, liga-me a dizer que interceptara um telefonema que dizia que me iam queimar o escritório. E eram 4h30 quando me meti no carro, com a mulher, a empregada e dois pastores alemães - porque a empregada não ia embora sem eles - e fui para casa dos meus pais que estavam preocupadíssimos. A minha irmã comprou dois bilhetes para Paris e lá fomos. Levei 30 contos e ao fim de 10 dias estava sem nenhum. No dia 15 resolvi regressar, mas só tive avião a 19. E esperei que abrisse o Tribunal, tinha trabalho a fazer. O Tribunal abria a 1 de Setembro. A noite anterior, passei-a na

• • •
 casa de banho! Aquilo não foi coragem, foi medo! É o medo que leva as pessoas a ultrapassar os obstáculos! Passadas seis semanas, a minha empregada, mediante uma conversa que tivera com a empregada do andar de cima, informa-me que iria ser colocada uma bomba no meu escritório. No andar de cima, vivia um reaccionário, que era oftalmologista. Fui lá cima e ele confirmou-me, dizendo que isso tinha sido combinado numa reunião tida na Foz, porque eu tinha sido muito atrevido com os empresários. Mas eu disse-lhe que se pusessem uma bomba no meu escritório, o dele também ia pelos ares. E não puseram”.

Esta acção de destruição dos bens pertencentes aos da ala esquerda é adjectivada por Rebelo Mesquita nestes moldes: as pessoas “encarniçadamente davam azo à sua bárbara alegria!”



Vila iluminada a fogueiras Durante o dia de segunda-feira não há qualquer testemunho de qualquer movimentação. Reinou a calma. Na sede do PPD escreveu-se um comunicado onde se acusava as forças militares de terem “abatido criminosamente o seu militante”. Os jovens daquele partido difundiram um comunicado a convocar todos os militantes para o funeral de Luís Barroso. A meio da tarde, a Câmara Municipal colocou a bandeira a meia haste, símbolo de luto pela morte dos dois famalicenses. Imitaram-na as sedes do PS, MRPP, CDS, PPD e JSD com tarjas negras nas portas.

À noite fez-se ainda mais silêncio e a rua Álvaro de Castelões onde ficava a sede do PCP apresentava um aspecto lúgubre, dado que o tiroteio da noite anterior havia cortado os fios de electricidade, permanecendo ainda os restos da confusão.

Mas a calma foi efémera. Às primeiras horas de terça-feira, os reaccionários voltam a atacar os escritórios de Lino Lima, Salvador Coutinho e desta vez,

também o de Sá da Costa, que na altura tinha acabado de terminar o estágio no escritório de Coutinho, e que era, juntamente com Manuela Granja, dirigente do MDP/CDE: “Tinha comprado há pouco a mobília. Custou-me na altura 90 contos.

Foi-se tudo, todos os meus livros do curso de Coimbra”, recorda agora, com amargura, o actual director da Casa da Cultura de Famalicão. Os atacantes desta vez destruíram tudo, fazendo fogueiras gigantescas nas ruas Adriano Pinto Basto e Camilo Castelo Branco. Não satisfeitos, dirigiram-se ao Campo da Feira e destruíram tudo o que havia no Café 333 (onde agora se situa o Lafões), à excepção de dois bilhares.

O 333 pertencia a Alberto de Oliveira Santos, militante do PCP. Aqui, claro, fizeram mais uma fogueira. O dia dessa terça-feira começava a clarear e a população começava a crescer à volta da sede do PCP. Dizia-se que estava tudo preparado para repetir o sucedido com o 333, mas desta vez no Café Nara, Café

Benfica e Livraria Fontenova, mal terminasse o funeral de Luís Barroso. Falava-se ainda que a Comissão Administrativa da Câmara ia ser saneada, tendo os reaccionários colocado num candeeiro da Avenida 25 de Abril uma forca. Bateram as 17 horas na torre da Igreja Matriz.

O comércio fechou as portas para se proceder ao funeral de Luís Barroso. Mas o corpo nunca mais chegava a Famalicão e novamente se levavam boatos de que eram as Forças Armadas que estavam a evitar o regresso do jovem. A “sanha” volta a perturbar os comportamentos e centenas de pessoas dirigiram-se para a sede do PCP. Acercaram-se de um novo capitão que então coordenava as F.A., exigindo que os deixasse destruir a placa luminosa do PCP. Mas simultaneamente, já um grupo de reaccionários escalava os muros da sede. Abriam os portões e toda a turba entrou pela sede, cada qual disposto a fazer justiça pelas próprias mãos. Retiraram então a placa e destruíram



MEDIADORA NA COMPRA E VENDA DE IMÓVEIS, LDA

Rua S. João de Deus
 Tel. (052) 312014 - Fax (052) 316525
 Vila Nova de Famalicão

T1 - Centro da Cidade. Novo. Bom para arrendamento.

T1 - Junto escolas. Novo. Pavimentos em Soalho.

T2 - Garagem individual. Junto escolas. Novo.

T3 - Garagem individual. Junto Rotunda da Paz (Colifi). Vidro Duplo. Pavimento em Soalho. Gás canalizado. Videoporteiro. Código de acesso. Isolamento térmico-acústico.

MORADIA - Junto à cidade (Antas). Em construção. 3 pisos com bons acabamentos. Bom preço c/ condições.

ESCRITÓRIOS/LOJAS COMERCIAIS - Diversas áreas. Junto à Rotunda da Paz (Colifi). Acabamentos de 1ª qualidade

todos os vestígios da actividade dos comunistas. Colocavam-se nas janelas, no telhado e gritavam "a vitória é nossa!", "Abaixo o comunismo". Neste saque, descobrem na garagem da sede os automóveis de Miguel Cruz e Fernando Cruz, militantes do PCP. Um Morris-Mini novo e um Fiat-600, aos quais também atearam fogo. E fez-se festa. Os jornais da época dizem que até se dançou na praça pública. Na mesma fogueira, lançaram um frigorífico, duas máquinas de escrever, cobertores e outros objectos. Antes de irem embora, no lugar da placa do PCP, colocaram uma outra em madeira, pintada com a frase: "Casa dos Refugiados de Angola", que se encontravam no prédio onde agora está a Caixa Geral de Depósitos.

Depois dos confrontos directos, os comunistas reorganizaram-se e utilizaram a sede do PCP em Riba de Ave para as suas reuniões e para a elaboração de folhas volantes que distribuíam à noite, em carros, no centro da vila, denunciando as acções dos reaccionários. Simultaneamente, preparavam a retoma do Centro de Trabalho, o que veio a acontecer a 19 de Setembro de 1975, mantendo militantes no seu interior durante um mês consecutivo, por piquetes. "Houve ofensas verbais, mas nenhuma investida", diz Barbosa.

Milhares no funeral Na quarta-feira, dia 6, pelas 18 horas, tocaram os sinos para a saída do funeral de Luís Barroso. Os relatos de há 21 anos atrás dizem que parou por instantes frente à sede da JSD e "caíram flores. Caíram lágrimas pela face de todos os presentes. Lágrimas que jamais sequearão no rosto dos famalicenses". No dia seguinte, um grupo de amigos resolveu tirar a placa na antiga Caixa Geral de Depósitos, que dizia D. Sancho I e substituí-la por Luís Barroso. Em 1995 aquela rua passou a ser designada por D. Maria II e a rua com o nome do jovem passou para as traseiras do Shopping Town. A partir daí, os ânimos acalmaram em Famalicão.

Lino Lima fez entrar no Tribunal Judicial uma queixa contra o Estado pelo facto do seu escritório ter sido destruído, sem que as forças do Estado o evitassem. Ganhou o processo e foi indemnizado. Um grupo de outras pessoas também visadas com os confrontos também apresentaram uma queixa judicial "contra terceiros" pela destruição de bens próprios. Esta, foi arquivada recentemente, nunca tendo chegado a haver averiguações.

As pessoas contactadas para a elaboração deste trabalho, quer de um lado político, quer de outro, mostraram-se ainda receosos em falar no assunto.



Tocaram os sinos para a saída do funeral de Luís Barroso, que parou, por instantes, frente à sede da JSD. "Caíram flores. Caíram lágrimas pela face de todos os presentes". No dia seguinte, um grupo de amigos resolveu tirar a placa na antiga Caixa Geral de Depósitos, que dizia D. Sancho I e substituí-la por Luís Barroso.

Outros, nem quiseram recordar. Os elementos conotados com a esquerda revêm aquela parcela do passado como sendo de "perseguição terrorista", mas sentem agora uma ponta de orgulho indisfarçável pelo facto de terem sobrevivido. Mas os de direita sentem o mesmo, porque sentem-se agentes activos do "fim da esquerda radical". Raul Tavares Basto, na altura um jovem bancário que se afastara de todos os confrontos, considera que o clima que se viveu "foi mais de folclore do que de terror. Era muita a confusão, cada qual queria mandar nos outros!".

O chamado «Verão Quente» despoletou a 11 de Março - quando o Governo do MFA decretou as intervenções nas empresas - e terminou a 25 de Novembro - altura em que se levantaram as forças de direita, a partir de Rio Maior, fazendo barricadas e cortando todas as ligações a Lisboa. Na placa de Rio Maior escreveram "Aqui começa o verdadeiro Portugal". Na noite desse dia, dá-se o "contragolpe" ou "contraplano", desencadeado pelos comunistas de Tancos. É a queda do COPCON, com a retirada de Otel e a despedida do General Vasco Gonçalves. Famalicão tornou-se internacionalmente

conhecido, dada a longa duração do cerco à sede do PCP e resistência dos comunistas. Existe um filme com todos os acontecimentos aqui ocorridos, feito pela Foto Humberto, que neste momento se encontra no Comité do PCP em Lisboa. Depois dos confrontos, Famalicão continuou a abrir telejornais e a fazer manchetes nos matutinos nacionais, dada a luta dos trabalhadores da TMG. A 29 de Dezembro de 1975, Manuel Gonçalves escreve uma carta à Comissão Sindical da TMG, colocando uma série de condições para o regresso, que era desejado pela maioria dos trabalhadores. Uma dessas condições era o afastamento de 17 trabalhadores, que ficou conhecido como o "Grupo dos 17 da TMG" - grupo que fez frente a esta exigência e que deu início à maior manifestação de trabalhadores de sempre no país, no que concerne ao têxtil. Hoje, todos esses 17 elementos estão economicamente bem na vida. Não dão a cara, mas oferecem um livro que fizeram com o relato de todos as suas acções, que só viriam a culminar a 22 de Abril de 1976, com a readmissão dos trabalhadores na empresa, por despacho do ministro de Trabalho."